

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas

Silvana Maria Gabriel

**ARTE URBANA, OCUPAÇÕES DE ESPAÇOS ABANDONADOS E QUESTÕES DE
ACESSO: entre museus temporários e itinerâncias artísticas**

Belo Horizonte
2023

Silvana Maria Gabriel

**ARTE URBANA, OCUPAÇÕES DE ESPAÇOS ABANDONADOS E QUESTÕES DE
ACESSO: entre museus temporários e itinerâncias artísticas**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Luana Carla Martins Campos
Akinruli

Belo Horizonte

2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho - EBA- UFMG)

707 G118a 2023	<p>Gabriel, Silvana Maria, 1989- Arte urbana, ocupações de espaços abandonados e questões de acesso [recurso eletrônico] : entre museus temporários e itinerâncias artísticas / Silvana Maria Gabriel. – 2023. 1 recurso online.</p> <p>Orientadora: Luana Carla Martins Campos Akinruli.</p> <p>Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.</p> <p>Monografia em formato de artigo científico. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte urbana. 2. Arte e sociedade. 3. Arte – Aspectos sociais. 4. Arte – Estudo e ensino. I. Campos, Luana Carla Martins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: **SILVANA MARIA GABRIEL, Nº. DE REGISTRO: 2021724330.**

TRABALHO FINAL: **“ARTE URBANA, OCUPAÇÕES DE ESPAÇOS ABANDONADOS E QUESTÕES DE ACESSO: ENTRE MUSEUS TEMPORÁRIOS E ITINERÂNCIAS ARTÍSTICAS”.**

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 10 de julho de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Profa. Dra. Luana Carla Martins Campos Akinruli (Orientadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Prof. Dr. Lucas Mendes Menezes (Membro da Banca Examinadora/ Instituto Inhotim)



Documento assinado eletronicamente por **Luana Carla Martins Campos Akinruli, Usuário Externo**, em 12/07/2023, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Mendes Menezes, Usuário Externo**, em 09/08/2023, às 09:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2463973** e o código CRC **2821274F**.

Referência: Processo nº 23072.242994/2023-96

SEI nº 2463973

Dedicado a todos que de alguma forma ajudaram em meu crescimento humano e intelectual, principalmente à professora Dra. Luana Akinruli, a quem tenho grande admiração, agradeço pela dedicação, humildade e empenho de me conduzir até aqui.

Agradeço também à minha família pela paciência de não me ter presente nas reuniões de final de semana.

ARTE URBANA E OCUPAÇÕES DE ESPAÇOS ABANDONADOS E QUESTÕES DE ACESSO: entre museus temporários e itinerâncias artísticas

RESUMO

O presente artigo trata de questões acerca do acesso à arte através da arte urbana e das ocupações artísticas permanentes ou temporárias que permeiam o meio urbano apresentando as diferentes possibilidades de apropriação do espaço urbano e privado em situação de abandono. Além disso, são apresentadas as dificuldades enfrentadas por estes profissionais que ocupam as ruas e os edifícios abandonados no caso dos artistas que se dedicam às exposições públicas. A apropriação desses espaços reinventa territórios dando lugar às ações positivas como a formação humana e social, a expressividade artística, a criação de oficinas, a apresentação de palestras e eventos, exposições artísticas, dentre outros. Estas ações contribuem para a consciência da coletividade despertando também o senso crítico do indivíduo e a curiosidade para o campo das artes. Sendo assim, este texto propõe a reflexão sobre as ocupações dos espaços urbanos, do acesso à arte e à cultura que são facilitados ou dificultados pelas distâncias sociais e pelos territórios físicos.

Palavras-chave: Arte Urbana. Ocupações Artísticas. Itinerâncias.

URBAN ART AND OCCUPATIONS OF ABANDONED SPACES AND ACCESS ISSUES: between temporary museums and artistic itinerancies

ABSTRACT

This article deals with questions about access to art through urban art and permanent or temporary artistic occupations that permeate the urban environment, presenting the different possibilities of appropriating urban and private space in a situation of abandonment, in addition to presenting the difficulties faced by these professionals who occupy the streets and abandoned buildings, in the case of artists the public exhibition, for example. The appropriation of these spaces reinvents territories giving rise to positive actions such as: human and social formation, artistic expressiveness, creation of workshops, presentation of lectures and events, artistic exhibitions, among others. These actions contribute to the collective conscience, also awakening the individual's critical sense and curiosity for the field of arts. Therefore, this document proposes reflection on the occupation of spaces, access to art and culture that are facilitated or hindered by social distances and physical territories.

Keywords: Urban Art. Artistic Occupations. Itinerancies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ARTE URBANA E OCUPAÇÕES ARTÍSTICAS NO DIÁLOGO COM AS METODOLOGIAS DE ENSINO	9
2.1. ARTE URBANA	10
2.2. OCUPAÇÕES DE ESPAÇOS ABANDONADOS E QUESTÕES DE ACESSO: ENTRE MUSEUS TEMPORÁRIOS E ITINERÂNCIAS ARTÍSTICAS	15
3. INTERVENÇÃO URBANA E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS: DESPERTANDO O OLHAR PARA QUESTÕES DE ACESSIBILIDADE	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24

1. INTRODUÇÃO

Considerando que a cidade é um ambiente de mudanças e que está em constante transformação, as ocupações artísticas, assim como a arte urbana, têm ganhado espaço na cena contemporânea ao aproximar a arte do público e questionar espaços abandonados ocupando-os. Essas práticas artísticas têm como característica a ocupação de espaços públicos e privados com intervenções artísticas de exibição da arte, da produção artística, e com criação de oficinas, cursos, apresentações, além de exposições de arte para o público e, em alguns casos, até mesmo oferecendo residência artística. Estas práticas estabelecem diálogos com a população de modo em geral e com a classe artística ao transformar o local de abandono em um ambiente de vivências artísticas, ampliando o acesso e oferecendo acolhimento artístico-social, além de também contribuir à transformação social de forma criativa e transformadora.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre as ocupações artísticas e a arte urbana, em especial como essas práticas têm sido utilizadas para questionar e problematizar questões sociais e políticas de acesso à arte, à cultura e à própria cidade. Também serão abordados os desafios enfrentados pelos artistas urbanos e pelas ocupações artísticas em relação à sua legalidade e aceitação pelos diferentes setores da sociedade. A partir deste estudo, baseado em pesquisa bibliográfica sobre os temas centrais apontados, será apresentada uma proposta pedagógica com o intento de realização de uma intervenção urbana com alunos do ensino fundamental em seus anos finais, no intuito de criar a consciência política da ocupação do espaço e do acesso à arte e demais manifestações artísticas e culturais. Assim, objetiva-se ressaltar que a escola pode ser um meio de criar a consciência artística trabalhando a sensibilidade, a criticidade e o questionamento acerca da apropriação de espaços para fins artísticos.

Nesse sentido, esta pesquisa objetiva apresentar os diferentes tipos de ocupações artísticas em espaços abandonados, tendo como ponto de partida a arte urbana, de forma relacional. A partir desta abordagem será proposta uma intervenção com alunos do nono ano do ensino fundamental no intuito de investigação da apropriação do espaço como lugar de criação e acesso. Dessa forma, intenta-se discutir como as condições socioculturais influenciam na criação da

arte e como a arte influencia no modo de agir e pensar de uma sociedade, além de intentar analisar a importância da arte urbana como instrumento de protesto e denúncia, e de seu papel de influência na ampliação do acesso à cultura e arte e apontar as limitações do espaço tradicional da arte e de disseminação propondo alternativas para ampliar o acesso à cultura e arte.

2. ARTE URBANA E OCUPAÇÕES ARTÍSTICAS NO DIÁLOGO COM AS METODOLOGIAS DE ENSINO

A presente pesquisa se ancora metodologicamente em pesquisas bibliográficas, a fim de coletar informações possíveis para criar uma proposta pedagógica relacionada à arte urbana e às ocupações artísticas em espaços abandonados. Sendo assim, este texto traz referências de autores que refletem sobre a arte e o abandono físico como territórios possíveis de serem transitados, e que inspiram o desejo da realização de projetos e atividades voltados para a acessibilidade e suas diversidades linguísticas, temáticas e sensoriais.

Torna-se relevante abordar as potencialidades da arte através da apropriação dos espaços abandonados, de forma que a arte urbana é aqui explorada enquanto manifestação artística, tal qual Rebollar e Amante (2017) indicam na sua discussão teórica, ou seja, contextualizando a arte de rua e suas características. Nunes (2008), por sua vez, informa sobre a influência do meio de vivência na criação da arte e no alcance da mesma, sendo que essas discussões nos levam à questão dos territórios subjetivos que conscientemente ou inconscientemente são exclusivos e segregadores. Isto, no intuito de abrir espaço para o pensamento da elaboração de projetos que possam atuar na criação de espaços de vivência da arte e educação tendo o propósito a disseminação da arte e a redução das distâncias sociais.

Dutra (2020) traz em seu discurso a importância da arte urbana enquanto local de acesso à arte pela coletividade, a fim de propiciar que o leitor questione a importância de uma educação em arte e que se possa criar pertencimento à arte e seus meios de exibição. Também pensando na questão de que só é importante determinada atividade se compreendida sua importância. Ademais, o texto de Gonzales e Guimarães (2021) é aqui citado por tratar da criação dos museus itinerantes e pensando como um lugar de inovação e que permite novas perspectivas para criação e interatividade com territórios diversos. Assim,

ressignificando a forma como é pensada, a estrutura subjetiva e cultural dos museus objetiva novas conexões com a arte e com o público.

2.1. ARTE URBANA

Segundo Rebollar e Amante (2017), a arte de rua é uma manifestação artística já disseminada no mundo nos meios das diversas cidades. A arte urbana é assim identificada por volta dos anos 1970, sendo interpretada como forma de resistência e denúncia social. Ainda de acordo com os autores, a arte de rua possui caráter efêmero e isso tem a ver com os processos do lugar, das pessoas que vem e vão, sendo a rua um lugar de passagem devido à dinamicidade da cidade.

A arte de rua é uma manifestação artística disseminada por todo o mundo, surgiu nos Estados Unidos, na década de 70 e possui um caráter dinâmico e efêmero, perpetuado pela fotografia. Paralelamente a arte de rua surge no Brasil na década de 70 em meio a ditadura militar quando os artistas começaram a transmitir mensagens de cunho político, denunciando as atrocidades daquela época e sendo um importante instrumento de protesto e denúncia. (REBOLLAR; AMANTE, 2017, p. 44)

Vicente (2016) define genericamente como arte de rua todos os tipos de intervenções artísticas, tais como apresentações de dança, música e poesia, estátuas vivas, contorcionismos e atividades circenses realizadas nas ruas das grandes cidades. E como observado, há uma diversidade de expressões que se enquadram no termo arte urbana. Diariamente as ruas em diversos lugares do mundo são tomadas por artistas de diferentes ofícios, tais como artistas plásticos, dançarinos, malabaristas, músicos, entre outros, que expressam a arte e transformam o dia a dia das pessoas. Estes artistas muitas vezes escolhem o ambiente urbano não por falta de opção, mas pela liberdade de criação e maior contato com o público. Infelizmente, os artistas urbanos muitas vezes não têm o reconhecimento de suas obras, de modo que o investimento financeiro fica comumente por conta do autor.

Embora a arte de rua venha crescendo exponencialmente, a falta de valorização e reconhecimento do trabalho ainda é um dos grandes obstáculos enfrentados diariamente por estas pessoas. Muitas vezes ele tem que tirar dinheiro do próprio bolso para manter sua arte, pois seu trabalho não é reconhecido e muito menos apoiado por qualquer órgão cultural. (VICENTE, 2016, p. 6)

Ainda segundo Vicente (2016), a rua é vista como um lugar profano e tudo que vem daquele lugar acaba recebendo uma carga de valores negativados, a exemplo da “mulher de rua”, do “morador de rua”, dentre outros. As ações que acontecem naquele cenário acabam sendo vistas como problema social o que, talvez, pode gerar uma interpretação de desvalorização da arte urbana por parte das pessoas. Há uma cultura dentro de casa e uma fora dela que, segundo Matta (1997), impacta no comportamento das pessoas e na aceitação dessas atuações sociais.

Devido às diversidades de assuntos possíveis dentro da arte urbana, faço aqui um recorte para abordar o Grafite como foco principal para o desdobrar deste texto. O Grafite é considerado uma modalidade artística pictórica urbana de grande expressão na atualidade e, de acordo com Dutra (2020), tem influência do Muralismo originado na época da Revolução Mexicana (1910-1917), e que no Brasil se fez presente por volta da década de 1930. O Movimento Muralista segundo Mandel (2007) apud Almeida (2022), surgiu no século XX como forma de unificação dos povos indígenas e dos camponeses após a queda de Porfirio Dias (1911), ditador que comandou o México por aproximadamente três décadas (1876-1911).

Logo em seguida após o término da Revolução Mexicana, (1924) os murais passaram a ser observados como verdadeiras obras de arte exposta em prédios públicos como o museu de belas artes e na secretaria de educação. O muralismo ganhou força com pinturas em muitos prédios públicos na cidade do México para que a população pudesse desfrutar dessa arte e passasse a criar suas próprias interpretações acerca dos acontecimentos políticos e sociais ocorridos durante a revolução mexicana de 1910. (ALMEIDA, 2022, p. 61)

Infere-se, portanto, a proximidade do Muralismo com o Grafite, tanto pela questão da escolha do espaço urbano, quanto pela mensagem e pelas possibilidades de acesso e interpretação do público. Segundo Dutra (2020), o Grafite só deixou de ser sinônimo de vandalismo nos anos 80:

De acordo com a linha cronológica da arte, só nos anos 1980, com o olhar atento à produção artística de Jean-Michel Basquiat, Keith e Richard Hambleton, foi que o graffiti deixou de ser apenas sinônimo de vandalismo, associado a uma subcultura que precisava ser extinta imediatamente, e passou a inspirar sentimentos de surpresa, prazer e diversão. A partir de então ele começou a se expandir para além-muros e invadir paredes de museus, galerias e casas comerciais e residenciais. Seu significado cultural passou também a

estabelecer novas relações com o patrimônio, o espaço e a cidade, exercendo uma interferência estética. (*Idem*, p. 17)

Segundo Almeida (2022), paralelamente também na década de 1980, iniciou-se o movimento de pichação no Brasil, tendo sido influenciado pelas *logos* de bandas de rock e punk, criando laços com a territorialidade e estabelecendo uma subcultura que até os dias de hoje é característico do meio urbano, sendo também uma forma de expressão que, pode-se dizer, é uma voz dos excluídos por meio de palavras. Há aqui a proximidade do Grafite com a pichação, que apesar de serem esteticamente diferentes, são importantes meios de comunicação estética e visual com a sociedade.

Jean-Michel Basquiat (1960-1988), artista afrodescendente que cresceu em Nova York/EUA, dialogou com esta linguagem no contexto urbano e suas pinturas frequentemente são interpretadas como uma crítica ao racismo, à opressão e à marginalização das comunidades negras nos grandes urbanos, como pode ser visto na obra *History of The Black People* (Figura 1).



Figura 1 – *History of The Black People*. Jean-Michel Basquiat, pintura em tela, 1983.
 Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/jean-michel-basquiat/history-of-the-black-people>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Uma das características associada à arte urbana é o fato de ser considerada livre e questionadora, uma vez que, muitas vezes, atua na denúncia de abusos e

injustiças sociais. Na obra *History of the Black People* (Figura 1) há possibilidade de reconhecimento da população negra por meio da arte, sendo está uma população que foi excluída por muito tempo na história da arte e marginalizada nos territórios urbanos. Como podemos observar, através da arte é possível dialogar com essas questões da exclusão, da política e de diversas formas e expressões artísticas, cujas obras passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, ocupando as ruas e prédios da cidade, sendo incluídas na estética urbana.

Além do artista Basquiat, temos na arte contemporânea artistas que trazem o diálogo de afrodescendentes em suas obras, como Guilherme Kid (Figura 2), que tem uma série de pinturas onde o negro é figura principal nas obras de arte. Suas obras compõem escritas e desenhos, tendo o potencial de fazer o observador refletir sobre as injustiças sociais vivenciadas pelas minorias afro-brasileiras.



Figura 2 - Guilherme kid, O Camelô e seu isopor, s/d

Fonte:

<https://luismaluf.com/passadas/cria/> Acesso em 20 jul. 2023.

Seguindo esta linha de pensamento temos os trabalhos de Panmela Castro que traz a presença de afrodescendentes por meio do Graffiti, a artista além de tratar da questão da representatividade, traz também a aproximação da arte com a mulher negra que é frequentemente representada em seus trabalhos por meio do Graffiti, trazendo a possibilidade de interpretação para questões sobre empoderamento feminino.



Figura 3 - Panmela Castro, Ostentar é estar viva, 2021.

Fonte:

<https://www.galerialuisastrina.com.br/viewing-room/37-to-flaunt-is-to-be-alive-panmela-castro-curated-by-daniela-labra/> Acesso em 26 jul. 2023.

No caso desta obra específica de Panmela (Figura 3), a pichação é inserida, o que dá para dialogar com as questões da violência feminina na periferia.

O Grafite está presente nas nos centro urbanos e também nas periferias e assim como outras intervenções artísticas no meio ambiente urbano, é criado em período noturno onde o artista pode se expressar com maior discrição e, ainda assim, ele acaba por se arriscar.

Os artistas da arte urbana são diferentes. Eles trabalham em locais abertos, expostos ao público. As circunstâncias (principalmente a ameaça de serem presos) fazem com que eles tenham de trabalhar de forma rápida, de certa maneira, ingênua. E é justamente esse ato público de criação de arte que faz os artistas urbanos serem pessoas muito vulneráveis. (CARLSSON, 2015, p. 9)

Expressar-se no espaço público é um desafio para os artistas, que cada vez mais são comparados com destruidores de patrimônio, sendo tratados como vândalos do espaço urbano. Essas reações por parte do poder público demonstram um grande despreparo e mesmo, pode-se dizer, um grande desconhecimento da arte urbana enquanto objeto de vivências da expressão artística.

A grande vitrine da arte urbana é a rua, e seu principal legado é a democratização. a arte urbana tem sido valorizada no Brasil, e a convivência entre os artistas e a cidade mudou para melhor desde os primeiros rabiscos que começaram a ocupar os muros e paredes. Assim a *street art* tem sido vista como elemento de revitalização de paisagens degradadas, uma linguagem que se aprimora, arte que brota de um dia para o outro nos lugares mais inusitados, como fachadas de espaços culturais, escolas e outros prédios públicos e privados. O grafite se torna uma forma de apropriação da cidade que se consolida na empatia do público com a diversidade de propostas visuais. (MENDONÇA, 2013-2014, p. 78)

Diferente do museu e dos espaços já institucionalizados, o espaço público é o local onde o artista urbano consegue contemplar um público maior, facilitando a disseminação e o acesso à arte pela audiência, questão que também confere à arte urbana o caráter de intervenção social. Sendo assim, é importante questionar o uso dos espaços públicos no sentido de ocupá-los e a fim de explorar as potencialidades desses ambientes por meio da arte.

Os Grafites, por exemplo, sobrevivem quando há um olhar para a proteção e preservação da arte, o que acontece quando pessoas se sentem pertencentes àquele ambiente ou àquela linguagem artística. A falta de acesso marginaliza o

indivíduo, que além de não se sentir parte da criação, também não vê importância das manifestações de arte e, como consequência, não conceitua seu valor. Podemos citar o caso do ex-prefeito João Dória que, em 2017, apagou diversos Grafites na Avenida 23 de Maio em São Paulo, alegando “guerra ao picho” e questionamos se no caso citado, trata-se de ignorância ou arrogância, uma vez que o ex-prefeito transformou os muros coloridos em paredes cinza e sem vida, recebendo diversas críticas de artistas e profissionais da arte.



Figura 4 – Painel no Viaduto Antártica feito por João Dória, São Paulo/SP, 2017.

Fonte:

<https://www.noticiasao minuto.com.br/Brasil/433736/Doria-Canta-E-Faz-Grafite-Em-Inauguracao-De-Painel-De-Arte-Urbana>. Acesso em: 4 jun. 2023.

O político ao perceber a reverberação do ato decidiu ainda criar um “painel de arte urbana” embaixo do Viaduto Antártica, onde deu sua contribuição (Figura 4). Posteriormente a este acontecimento, Dória recebeu como punição uma intimação por destruição de patrimônio cultural. Segundo Oliveira (2019), o “governador João Doria (PSDB) e a Prefeitura de São Paulo foram condenados a pagar uma indenização de 782 mil reais por atos administrativos ilegais e inconstitucionais” que resultaram na remoção dos painéis grafitados da Avenida 23 de Maio. Este é só um exemplo, das diversas violências que a arte urbana e os artistas sofrem e resistem fazendo com que cada vez mais o educador e demais públicos da arte precisem refletir sobre do poder da imagem em dialogar com a cidade.

2.2. OCUPAÇÕES DE ESPAÇOS ABANDONADOS E QUESTÕES DE ACESSO: ENTRE MUSEUS TEMPORÁRIOS E ITINERÂNCIAS ARTÍSTICAS

As ocupações artísticas são uma criação da contemporaneidade, comumente diferenciadas entre duas vertentes: as ocupações temporárias e as ocupações permanentes.

No caso dos eventos temporários, ilustrados por meio de exemplos diversos que variam desde o consagrado Arte/Cidade, organizado em São Paulo em 1994, até intervenções independentes como o 1º Caramachão Cultural, realizado dentro de uma fábrica abandonada vinte anos depois, são demonstradas as possibilidades temporárias do abandono, expondo os diferentes caminhos percorridos pela arte até o encontro com os espaços urbanos abandonados. Eles constituem um campo investigativo teórico que procura cercar as opções efêmeras do abandono tratando da arte contemporânea, da receptividade das propostas e da fetichização da ruína. (GHISLENI, 2017, p. 20)

As ocupações temporárias (Figura 5), dizem respeito às situações efêmeras e de curto prazo, e que não influenciam diretamente na aquisição do espaço para apresentação dessas manifestações. No caso deste tipo de ocupação, suas intenções são mais teóricas, pois emprega a imagem no sentido de pensar sobre o abandono das coisas, por exemplo. Já sobre as ocupações permanentes, vê-se a necessidade da ocupação do espaço físico, não apenas no campo da teoria, mas também do uso do espaço para execução de atividades e apropriação do território.



Figura 5 – 1º Caramanchão Cultural, zona noroeste de São Paulo. Fotografia de Jéssica Moreira, 2014. Fonte: <https://movimentofabricaperus.wordpress.com/fotos/espaco-degradado/#jp-carousel-211>. Acesso em: 4 jun. 2023.

O Espaço Comum Luiz Estrela (Figura 6) criado em 2013 na cidade de Belo Horizonte, foi uma iniciativa de um grupo de artistas e que, no início, funcionou também como um ambiente de residência artística.

No que diz respeito à análise das ocupações permanentes foram definidas três ocupações culturais a serem visitadas, o Espaço Comum Luiz Estrela, em Belo Horizonte ocupado desde 2013; a Casa Amarela, no centro da cidade de São Paulo, ocupada desde 2014 e, por fim, a ocupação Ocupa Ouvidor 63, também no centro de São Paulo, em ação desde 2014. (*Idem*, p. 21-22)



Figura 6 – Espaço Comum Luiz Estrela, Belo Horizonte/MG, 2017.
Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4319>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Segundo Vieira (2022) do site G1 São Paulo, a ocupação artística Casa Amarela Quilombo AfroGuarany (Figura 7) é vista como o primeiro quilombo urbano por trabalhar com arte de resistência negra e indígena. Oferece semanalmente uma programação com oficinas, apresentações e cursos e, assim como o Espaço Comum Luíz Estrela, essas duas ocupações possuem semelhanças entre si, pois além de serem um espaço aberto para visitação, também atuam oferecendo opções de atividades para a comunidade interessada.



Figura 7 – Casa Amarela, São Paulo/SP, 2022.

Fonte:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/o-que-fazer-em-sao-paulo/noticia/2022/02/16/casa-amarela-1-quilombo-urbano-do-centro-de-sp-completa-8-anos-com-baile-e-lancamento-de-clipe-gravado-no-local.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Por último e não menos importante, a Ocupa Ouvidor 63 (Figura 8), considerada a maior ocupação da América Latina, segundo informações encontradas no site da prefeitura, está instalada em um prédio de 13 andares sendo ocupados por vários coletivos de artistas que residem e oferecem oficinas artísticas, eventos culturais tanto para os residentes quanto para o público diverso. Diferente das demais ocupações, esta serve também como moradia para artistas, caracterizando-se por uma ocupação integral. Essas ocupações assim como colocado por Nunes (2013), são na maioria das vezes iniciativas de artistas ou de críticos de arte e não possuem obrigatoriamente caráter ativista, apesar de muitas vezes se relacionarem como resistência aos meios oficiais de veiculação da arte. O espaço comum Luiz Estrela atualmente oferece oficina no qual 70% das vagas são destinadas a pessoas carentes e 30% são oferecidas ao público interessado pagante, são oficinas de fotografia, vídeo, argila, música e teatro, há também oficinas que são destinadas a professores como a oficina Escola Comum: Pedagogia Anarquista e a oficina LECCA - Laboratório Escolar de Comunicação e Ciência Aberta, que são voltadas para a prática pedagógica do professor. As oficinas

ocorrem no segundo semestre deste ano de agosto a dezembro com encontro de semanais e mensais, sendo de acordo com cada oficina escolhida.

Segundo o Website EVOÉ, o espaço comum luz estrela surge do desejo de inclusão com atividades formativas de pesquisa e além de propor restauro do casarão, possibilitando um espaço de educação libertária.

Segundo o website sãopaulosecreto a ocupação casa amarela, atualmente conhecida como Casa Amarela Quilombo Afroguarany é um casarão que foi tombado em 1926 como patrimônio histórico da cidade ficando por anos abandonado. O espaço foi ocupado por interesse sociocultural, se consolidando em 2015 como o primeiro quilombo urbano. Esse interesse em trabalhar a arte como resistência afro-brasileira e de indígenas, têm referência com o coletivo TM13 que busca integrar a periferia ao centro, utilizando a arte como instrumento de transformação social. O espaço que abriu as portas em 2014, e atua com oficinas de arte, curso de libras e inglês, aulas de yoga e uso do espaço para cenografia e estúdio de fotografia. Essas informações foram encontradas no instagram @casaamarelaquilombo , no entanto as postagens desta rede social são antigas (a última postagem foi feita a 15 semanas), o que faz com que o (a) pesquisador (a) não tenha acesso a dados recentes.

A Ocupa Ouvidor 63 segundo o Blog ASFALTO é considerada atualmente como a maior ocupação cultural da América Latina. O espaço abriga aproximadamente 100 residentes de dos estados Pará, Rio de Janeiro, Bahia e imigrantes da Venezuela, Colômbia e Equador, em um vídeo do Youtube é possível observar o momento em que o prédio foi ocupado (<https://www.youtube.com/watch?v=tN4yIM0577Q>) artistas cercam o local, adentram o espaço, limpam a sujeira e se instalam. O espaço atualmente funciona com muitas apresentações de arte, que podem ser assistidas no perfil do instagram @ouvidor63 onde diariamente publicam a agenda da semana assim como também as apresentações, cursos e oficinas realizadas. Além disso, é um espaço alternativo de arte e que tem a proposta de transformar a arte acessível para o público. Neste espaço são realizadas oficinas de arte, laboratório de fotografia, laboratório de música, saraus, performances, bienais de arte, hortas coletivas para os moradores, possuindo também um laboratório de tatuagem e um brechó, sendo que o espaço funciona de segunda á sábado das 11:00 às 18:00.



Figura 8 – Ocupa Ouvidor 63, São Paulo/SP, s. d.

Fonte: <https://acaoeducativa.org.br/redeantirracista/equipamentos/ocupacao-ouvidor/>.

Acesso em: 4 jun. 2023.

Como uma breve introdução sobre as ocupações é importante afirmar que a primeira se deu em um edifício histórico em ruínas que antigamente abrigou um manicômio infantil e surgiu a partir de um coletivo de artistas da capital mineira. Em uma inédita estratégia tática, após somente nove meses de ocupação, o movimento conseguiu a concessão de uso do espaço por vinte anos. Já a Casa Amarela trata-se de um antigo casarão localizado em meio à uma nobre região de São Paulo. Uma ocupação que resiste à iminência de reintegração de posse há quase 3 anos. Por fim, a última visita tem como palco aquela que é a considerada a maior ocupação artística cultural da América Latina. A Ocupa Ouvidor 63 representa a ocupação dos treze andares da antiga sede do INSS povoados, hoje em dia, por mais de 150 artistas que resistem aos impasses legais, às disputas internas e às discordâncias de convivência. Elucidando os casos, vale ressaltar também que na Ocupa Ouvidor 63 e na Casa Amarela há residência artística, ou seja, um grupo de artistas vive diariamente na ocupação como moradia, enquanto o Espaço Comum Luiz Estrela, apesar de que em algum momento ter contemplado essa função, hoje em dia já não a comporta. (GHISLENI, 2017, p. 21)

Como observado, esses prédios ficaram abandonados por muito tempo e, após ocupados, resistem à pressão de reintegração de posse e às brigas judiciais

que costumam durar anos. A ocupação incomoda aquele “acomodado”, sendo positiva no sentido de dar valor ao espaço e de possibilitar a manifestação artística, o acolhimento social e a disseminação da arte e da cultura. Dutra (2020) traz uma abordagem sobre a questão do coletivo por meio da arte urbana, pensando-a como local de coletividade.

O muro, assim como a pele, também sofre o desgaste natural pelo uso, pelo fluxo, pelas intempéries. O poder público e a sociedade podem intensificar ou retardar as marcas do tempo. Em uma sociedade que compreende a importância do espaço público como um espaço da coletividade, a agência humana tende a ser de preservação e respeito. Caso contrário, o bem público normalmente é dilapidado e compete basicamente ao estado a sua preservação, caso seja do seu interesse. Compreender o espaço é entender o social e vice-versa. (DUTRA, 2020, p. 21)

A arte, neste caso, como colocado pelo autor, sobrevive às intempéries se acolhida pelo poder público e pela sociedade em geral. Dessa forma, é de responsabilidade dessa sociedade também desejar, lutar e criar políticas públicas e projetos de inclusão que fomentem a arte-educação. Museus e galerias funcionam como locais de acesso mas que, muitas vezes, não são gratuitos, sendo vivenciados por uma parcela pequena da sociedade por diferentes fatores: seja pela distância, pelo território social e cultural, pela ausência de pertencimento com o território, entre outros.

Sobre essa questão do pertencimento e da valoração de bens culturais, materiais e imateriais, o público tem uma participação que diz a dimensão do patrimônio histórico, que segundo o website Cultura DF a dimensão do patrimônio histórico é um conceito que abrange o patrimônio material e imaterial, abarcando no caso do patrimônio material, bens móveis e imóveis (documentais, artísticos, paisagístico, arqueológico, científicos e entre outros), já o patrimônio imaterial é relacionado às práticas simbólicas, ritualísticas, as tradições, aos saberes e representa diferentes grupos sociais formadores de identidade e da memória. Sendo que de acordo com MAGALHÃES (2020) esses bens culturais são valorados de acordo com as referências culturais de cada grupo ou comunidade e dessa forma só fazem sentido quando realizado pela comunidade interessada.

A constituição brasileira de 1988 define o patrimônio cultural com base na noção de referência cultural, associando-o à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira. Assim, os bens culturais, materiais e imateriais, são valorados a partir

da referencialidade que é o elemento de conexão entre o grupo social ou a comunidade e o bem cultural correspondente. Essa valoração, contudo, apenas faz sentido se realizada pela própria comunidade ou, pelo menos considerando os valores pertencentes a ela.

(MAGALHÃES, 2020, p. 249)

Então, segundo MAGALHAES, ha constituição de 1988 permite a participação da população na escolha destes patrimônios culturais. Entretanto de acordo com o autor;

A comunidade, contudo, não atua sozinha, pois ela colabora com o poder público para a seleção, promoção e proteção do patrimônio cultural. A expressão “ poder público”, no entanto é abrangente, e no seu sentido mais amplo engloba todos os entes da federação (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) e os três poderes da República (Executivo, Legislativo e Judiciário), ou qualquer órgão ou instituição pública ligados quaisquer destes.

(MAGALHÃES, 2020, P.251)

Como podemos observar por questões administrativas, essa atividade é exercida pelo poder Executivo juntamente com a comunidade. O poder Legislativo e Judiciário ficam a responsabilidade conforme suas funções típicas; ao legislativo a função de elaboração e aplicação de normas e ao judiciário a proteção e reparação de atos lesivos ao patrimônio cultural MAGALHAES 2020.

A discussão sobre a participação e valoração do patrimônio cultural é conectada à obra do artista Froiid que se apropria da ideia do futebol de várzea para propor um jogo sem regras, onde a cooperação faz mais sentido para os participantes que o ato de ganhar a partida. Essa intervenção artística reflete a importância da colaboração e da participação ativa da comunidade na construção e preservação do patrimônio cultural, como forma de valorizar a diversidade e as referências culturais de cada grupo social. No caso específico desta obra a intervenção artística foi inspirada pelo futebol de 3 lados (Trilético) criado pelo situacionista dinamarquês Asger Jorn em 1960, segundo o website cargocollective “três times deveriam se enfrentar em um campo de formato hexagonal, colaborando mais do que competindo, concordando entre si a respeito do que é e o que não é permitido, ao invés de serem controlados por uma força externa. “Em outras palavras, trata-se de um jogo sem regras e sem juiz.” FROIID (2014). No caso a obra A Copa do mundo 2014 do MAPA (Figura 9), como o próprio nome, diz respeito a uma crítica a copa de 2014, onde o artista propõe um novo jogo cruzando a ideia do futebol de várzea ao

jogo Trialético de Asger Jorn, o artista realiza uma copa do mundo em um dia, compondo um jogo único onde os jogadores negociavam até a exaustão.



Figura 9 - Froiid, Copa do mundo 2014 do MAPA, 2014.

<https://cargocollective.com/froidk/MAPA-3-COPA-DO-MUNDO-2014-o-Grande-Jogo-Futebol-de-3-lados-3sided> Acesso em 26 jul. 2023.

Neste jogo em um campo hexagonal, 8 seleções participam representando países que não participaram da copa de 2014, criando suas próprias regras” O sistema de substituição é o “de fora”: cansou, saiu. Entra outro no lugar. De outra seleção. Até que não existam mais times, apenas cores. O time que receber menos gols será o vencedor. Ou não”. FROIID (2014) .

Pensando nessa questão de inclusão, atualmente se vê grande destaque na reivindicação da cidade como lugar da arte, de forma que cada vez mais grupos de artistas e pessoas com interesses em comum criam coletivos para discutir essa pauta da acessibilidade. Segundo informações encontradas no *site* Gravura Contemporânea (2023), coletivos são associações de pessoas que se aproveitam a *expertise* de cada participante para chegar a resultados que de outras maneiras seriam mais complexas, sendo que não há dono ou pessoa que lucra, já que a atuação é para o público. E se considera que o público é quem lucra com acesso aos processos criativos. Pensar a arte fora do circuito da arte é um desafio para o pesquisador, afinal demanda a investigação, o interesse e, principalmente, atitude em prol de uma causa em comum.

Segundo Gonzales e Guimarães (2021, p. 3), o “levantar de um museu itinerante pede um olhar com novas perspectivas, de quem já não está somente engendrado no mesmo território, ainda que tenha o mesmo lugar de partida”. A criação de espaços culturais em espaços não usuais, como locais abandonados, por serem voltados para públicos diferentes, portanto, podem quebrar com o padrão de acesso à arte e possibilitar que mais pessoas possam conhecer, viver e acessar arte. E não somente desses espaços, mas dando oportunidade para aprendizagem das técnicas e conceitos artísticos, que poderão estimular a visão do espectador e estimular a curiosidade, além de servir como uma lente para a ampliação de suas vivências e, possivelmente, provocar no aprendiz o desejo de também ser mediador de arte da sua comunidade, o que facilita e promove a existência da arte em qualquer lugar. Por outro lado, pensando na questão do espaço da arte, a fotografia dos ambientes urbanos também tem tratado como muita frequência a questão do abandono, porém sem ocupá-lo, mas através do registro fotográfico.



Figura 10 – Sem título. Victor Galvão, Fotografia 35 mm, 2012-2019.
Fonte: <https://victorgalvao.com/arquipelago>. Acesso em: 18 jun. 2023.

O artista Vitor Galvão (Figura 10) registra o cotidiano através da fotografia e a cidade em sua diversidade pode ser manifestada por meio das “zonas portuárias,

periferias industriais, centros urbanos, de onde irrompem guindastes, construções, faróis” (GALVÃO, 2019, p. 1). O artista explorou, por exemplo, cenas que apresentam uma experiência de contemplação diante da paisagem, ao mesmo tempo em que também desperta um desejo pelo isolamento humano e geográfico. As imagens mostram a fragilidade dessas paisagens e sua condição de destroços, de ambientes quase desabitados, leva a um tempo e espaço criado através do olhar do artista.

Neste sentido, a fotografia artística consiste em uma expressão importante na cena contemporânea urbana, principalmente por trazer o espectador para dentro de suas paisagens. Em questão de acesso, a fotografia é um meio potencial de disseminação da arte urbana e, até os dias atuais, trata-se de uma das formas mais acessíveis de conhecimento e da arte.

Pensando também que a aprendizagem de técnicas e conceitos artísticos possibilitam o fazer artístico, favorecem a apreciação artística e a produção autoral, também impulsionam a criação de novos artistas e de pessoas capazes de sentirem e expressarem suas vivências através da arte. Projetos precisam de voz, de recursos financeiros e de gente capaz e interessada: questões que são um desafio na atualidade e que esbarram em questões políticas.

A itinerância expande sobremaneira essas possibilidades ao aproximar realidades sempre tão dissimilares a partir do atravessamento de muitas fronteiras simbólicas. É para esse ângulo que aqui faz-se um chamamento, em busca de perspectivas teóricas que oportunizem pesquisar o fenômeno itinerância com referenciais capazes de considerar essa singularidade. As relações que são forjadas a partir desse objeto de fronteira trazem consigo oportunidades para que a própria organização de fronteira se transforme e se ressignifique. (GONZALES; GUIMARÃES, 2021, p. 16)

O presente artigo, neste sentido, aborda tais questões a fim de apresentar os possíveis caminhos para a acessibilidade da arte para cidades distantes das grandes metrópoles e dos circuitos artísticos, que também dialogam com ambientes urbanos e que precisam manifestar sua arte. Pensando nos múltiplos territórios não habitados existentes em todas as cidades e municípios de Minas Gerais, intentamos explorar as diversidades de ocupação de espaços abandonados por meio da arte urbana. A aproximação desses territórios comentados por Gonzales e Guimarães (2021) veem na itinerância da arte e de seu espaço expositivo uma possibilidade

para o atravessamento das fronteiras, considerando as singularidades de cada local e da arte que dispõe.

3. INTERVENÇÃO URBANA E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS: DESPERTANDO O OLHAR PARA QUESTÕES DE ACESSIBILIDADE

Com o objetivo de trabalhar o olhar para a realidade social e da acessibilidade da arte, esta seção objetiva elaborar uma proposta pedagógica voltada para os alunos do 9º ano do ensino fundamental (anos finais), a fim de promover a reflexão sobre a utilização do espaço público para a expressão artística, por meio da realização de uma intervenção em um local abandonado (utilizar o google Earth).

O Google Earth, ferramenta de pesquisa do google para busca de mapa em três dimensões em tempo real, sendo assim o utilizaremos para pesquisar locais possíveis para aplicação do estêncil e do lambe-lambe. Apropriando-se do uso deste app, será proposto aos alunos, registro de locais abandonados, como possibilidade de expressão artística. Apropriando de determinado espaço, a proposta é fazer com que os alunos tenham autonomia para intervir naquele lugar, questionando inclusive a acessibilidade das atividades de lazer, cultura e da arte da sua cidade. Por ser uma abordagem que necessitará da presença desses alunos fora da escola, será feito um minicurso com duração de 2 horas para execução em 2 dias, no qual o primeiro dia será dedicado à elaboração e apresentação das ideias e o segundo dia para sua execução. A intervenção deixará uma mensagem para o público, no sentido de abrir espaço para outras apropriações ou reflexões sobre as diversas possibilidades das linguagens e do fazer artístico.

Essa atividade será realizada a partir do *stencil* (técnica primária ao Grafite, onde a impressão é feita a partir de um molde vazado) tendo como tema “Arte urbana e intervenção artística em espaços abandonados”. Sendo assim, a atividade objetiva trabalhar com alunos do 9º ano do ensino fundamental em seus anos finais, especialmente tratando da compreensão do conceito de arte urbana e dos diversos tipos de intervenções artísticas em espaços abandonados e com a finalização da ação por meio da execução de uma intervenção artística em grupo.

O trabalho se iniciará com a apresentação do projeto “Arte urbana e intervenção artística em espaços abandonados” através de imagens projetadas.

Além disso, será realizada a visitação de um espaço abandonado na região para levantamento de ideias a serem utilizadas na intervenção artística. Serão divididos grupos para elaboração e realização da ação que receberão orientação e acompanhamento dos professores e demais interessados no projeto. Como conclusão teremos a apresentação dos resultados por meio da criação artística dos alunos.

Para esta atividade será necessário o emprego de alguns materiais, tais como papel encorpado; tesoura ou estilete; tinta spray preta; projetor de vídeo; papel e lápis para anotações; imagens de intervenções artísticas em espaços abandonados; desenho ou escrita para criação do stencil. Também, será necessária a utilização de recursos audiovisuais como caixa de som e projetor de vídeo.

Uma possibilidade também para trabalhar com os alunos, é o lambe-lambe que consiste em uma técnica artística de baixo custo, onde são utilizados apenas papel e cola para aplicação de um pôster artístico, nesta técnica usa-se um rolinho com cola para preparar o local onde será aplicado o poster, após aplicado o poster novamente um rolinho com cola é passado para impermeabilizar o trabalho. Esses posters, serão previamente construídos com os alunos, no intuito de trabalhar a questão da expressão crítica e política, como possibilidade para pensar a acessibilidade cultural. Atividades voltadas para o desenvolvimento das técnicas do lambe-lambe do stencil assim como também o grafite, permite ao aluno explorar seu lado criativo, facilitando a conexão com seus sentimentos e desejos de ação. O fazer artístico é fundamental para trabalhar o sensorial e permite o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

Para registro das atividades e também disseminação da proposta, serão feitas fotografias do espaço e das intervenções realizadas. A fotografia aqui, tem um papel importante na prática artística, podendo ser explorada como registro, documento e memória de acervo ou enquanto fotografia artística, assim como observado nos trabalhos do artista Victor Galvão, a técnica da fotografia é um importante meio expressivo.

Como avaliação será levada em consideração a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades propostas, a saber: a elaboração de uma pesquisa sobre arte urbana e os tipos de intervenção artística; a criatividade e originalidade na

criação do estêncil e do trabalho final; além da organização e limpeza de materiais e do espaço utilizado; a capacidade de trabalho em grupo e a colaboração entre os alunos; a execução da intervenção artística. A proposta de trabalhar com arte urbana e intervenção artística em espaços abandonados pode despertar a sensibilidade dos alunos para a arte em seu contexto mais amplo e objetiva desenvolver no aluno a questão do pertencimento do espaço público como lugar de ação e criação, estimulando a curiosidade, criticidade, criatividade e a imaginação. Além disso, a atividade pode contribuir para a revitalização de espaços públicos abandonados no sentido de diminuir o sentimento de abandono.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas aqui desenvolvidas se observa que a arte urbana é um meio de expressão que interage com a cidade e o público e, dessa forma, a ocupação de espaços abandonados caracterizados por atividades temporárias ou permanentes comunica com a realidade urbana e suas efemeridades, dialogando com as questões sociais e políticas da contemporaneidade. Considerando que a arte urbana acontece no ambiente público, essas expressões urbanas são uma forma de democratização da arte e da cultura e criam senso de comunidade ao permitir a livre expressão, de modo que esses trabalhos têm o respeito daqueles que utilizam o urbano como meio de expressão.

Podemos dizer que os esforços dessas ocupações e atividades artísticas que ocorrem no meio urbano são fundamentais para garantir que a arte permaneça acessível e que resista às pressões políticas do uso do espaço público. A arte urbana e as ocupações artísticas são importantes meios de disseminação da arte e da cultura para pessoas não apenas para o público carente, mas também como opção acessível para o público interessado e fazem muito sentido se também se fizerem presentes em cidades de menor tamanho como forma de acesso e de lazer. As questões pontuadas nesse artigo intentam questionar, portanto, sobre como a falta de acesso às diversas manifestações artísticas refletem na cultura, na criação da arte e na valorização da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Pedro Paulo de. Muralismo, grafite e pichação: potencialidades para a transformação da escola. In: *PragMATIZES*, 2022. 23 p. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i23.53346>. Acesso em: 18 jun. 2023.

America Latina contemporary and <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/events/quilombo-vida-problemas-e-aspiracoes-do-negro/> Acesso em 21 jul. 2023.

ASFALTO: Mulheres Ocupa Ouvidor 63 <https://asfalto.blogosfera.uol.com.br/2018/07/10/por-dentro-da-ouvidor-63-a-maior-ocupacao-cultural-da-america-latina/mulheres-ocupa-ouvidor-63-40/> acesso em 19 jul. 2023

BASQUIAT: faça um tour virtual por exposição das obras do pintor. In: *Guia do negro*. 2020. Disponível em: <https://guianegro.com.br/basquiat-faca-um-tour-virtual-por-exposicao-das-obras-do-pintor/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MENDONÇA, Cadu. *Ocupação artística: Grafite*. São Paulo: Sesi-SP editora, 2015

Cargo Collective <https://cargocollective.com/froiidk/MAPA-3-COPA-DO-MUNDO-2014-o-Grande-Jogo-Futebol-de-3-lados-3sided> Acesso em 26 jul. 2023

CARLSSON, Benke. *Street Art: técnicas e materiais para a arte urbana*. São Paulo: G. Gili Ltda, 2015.

CARTAXO, Zalinda Elisa Carneiro. *Arte nos Espaços Públicos: a cidade como realidade*, 2009.

Cultura DF <https://www.cultura.df.gov.br/patrimonio/#:~:text=A%20dimens%C3%A3o%20do%20patrim%C3%B4nio%20cultural,n%C3%BAcleos%20urbanos%2C%20monumentos%20naturais%2C%20s%C3%ADtios> Acesso em 25 jul. 2023.

DUTRA, Hérisson Fábio de Oliveira. *Traços da Arte Urbana no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

Galeria Luisa Strina <https://www.galerialuisastrina.com.br/viewing-room/37-to-flaunt-is-to-be-alive-pannel-a-castro-curated-by-daniela-labra/> Acesso em 26 jul. 2023.

GALVÃO, Victor. *Arquipélago*. 2019. Disponível em: <https://victorgalvao.com/arquipelago>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GHISLENI, Camilla Sbeghen. *A Potência do Abandono: políticas e contradições nas intervenções artísticas em espaços abandonados*. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2017.

GONZALES, A. C. de S; GUIMARÃES, M. C. S. *Um novo framework teórico para estudar museus itinerantes: O olhar para as fronteiras*. Curitiba, ACTIO, v.6, n.2, p.1-26, 2021.

Gravura Contemporânea. 2023. Disponível em: <http://gravuracontemporanea.com.br/conheca-alguns-coletivos-de-arte/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

- Luíz Maluf: Galeria de arte <https://luismaluf.com/passadas/cria/> Acesso em 20 jul. 2023
- MATTA, Roberto da. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAGALHÃES, Allan Carlos Moreira. *Patrimônio cultural, democracia e federalismo: Comunidade e poder público na seleção dos bens culturais*. Dialética, 2020.
- NUNES, Benedito. A arte urbana e suas provocações. In: ABDALA, Junior Benjamin *et al. Introdução à Filosofia da Arte*. São Paula: Ática, 2008.
- NUNES, Benedito. As condições sociais da Arte. In: ABDALA, Junior Benjamin *et al. Introdução à Filosofia da Arte*. São Paula: Ática, 2008.
- NUNES, Kamila. *Espaços autônomos de arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Circuito, 2013.
- OLIVEIRA, Thaís Reis. Doria é condenado por apagar mural de grafite inaugurado por Haddad. In: *Carta Capital*, 26 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/doria-e-condenado-por-apagar-mural-de-grafite-inaugurado-por-haddad/>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- Premio Pipa Panmela Castro <https://www.premiopipa.com/panmela-castro/> Acesso em 20 jul. 2023.
- REBOLLAR, Nora Alejandra Patricia; AMANTE, Patricia *et al. A Rua, o Urbanismo e a Arte: vivenciando a Cidade*. Florianópolis: Ledix, 2017.
- São Paulo Secreto <https://saopaulosecreto.com/casa-amarela-sao-paulo/> Acesso em 25 jul. 2023.
- VICENTE, Adriana. *Artistas de rua além dos clichês*. São Paulo: Ed. Casa Flutuante, 2016.